



REVISTA PLACAR: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO SOBRE A PRIMEIRA TORCIDA GAY ORGANIZADA DO BRASIL

Bruna da Costa Elias¹

Vanessa W. Lima²

RESUMO: O presente artigo teve como objetivo analisar o discurso da revista Placar sobre a primeira torcida gay organizada do Brasil, a Coligay, tomando a matéria “Para o que der e vier”, de 1977, edição de nº 370. Para desenvolver a análise dos discursos verbais e não-verbais foi utilizada a “Análise Crítica do Discurso”, com base em autores como Viviane Ramalho e Viviane de Melo Resende (2006, 2011), Teun A. van Dijk (2010) e Norman Fairclough (2001). Para a produção do artigo, foi utilizada a metodologia básica, qualitativa, descritiva e bibliográfica. Os estádios de futebol são ambientes masculinizados e analisar como uma revista esportiva representou a participação de uma torcida formada por homossexuais é pertinente para obter uma mensuração da disseminação da homofobia por meio de veículos de comunicação, por meio de suas reportagens jornalísticas. Com isso, os resultados alcançados sugerem que a revista não foi imparcial na produção da matéria, deixando transparecer sua posição homofóbica nas cores das páginas, nos anúncios e diversos trechos do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Coligay; Revista Placar; Discurso; Futebol; Torcida; Grêmio.

1 INTRODUÇÃO

O futebol é uma paixão brasileira, disso sabe-se há algum tempo. A fascinação pela bola é algo que vem desde a infância porque os pais ensinam as crianças, porque a televisão exibe jogos de futebol algumas vezes por semana, porque o Brasil é o país do futebol. Faz sentido que todos gostem de futebol de uma forma ou de outra: de jogar, de assistir, de torcer. No entanto, a sociedade tem assumido posturas que limitam, em alguns casos, quem pode gostar, torcer ou assistir as partidas de futebol. Quando impedem torcedores adversários de chegar ao estádio para ver seu time jogar, quando agem com violência nas arquibancadas impedindo que famílias e crianças assistam a seus times nas tardes de domingo ou quando agem preconceituosamente com jogadores negros chamando-os de nomes que não convém repetir. Esse comportamento não vem de agora, essa sociedade

¹ Graduada em Jornalismo, Faculdade SATC. E-mail: brunacostaelias@gmail.com

² Professora da Faculdade SATC. E-mail: vanessa.lima@satc.edu.br



que vemos hoje não nasceu agora, isso pode ser visto desde a década de 70, quando a primeira torcida gay organizada surgiu e foi ao estádio incentivar seu time, o Grêmio Futebol Porto-Alegrense.

O Grêmio, clube que motivou a criação da primeira torcida gay organizada do Brasil, foi fundado em 15 de setembro de 1903, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O paulista Cândido Dias da Silva foi quem trouxe a primeira bola ao Sul do país. Natural de Sorocaba, Silva, através da loja de artefatos de couro de sua família, apresentou o objeto a Porto Alegre. A bola de Silva foi utilizada pela primeira vez no dia 7 de setembro de 1903, ainda antes da criação do time do Grêmio, quando a bola oficial da partida murchou, em um jogo de demonstração do clube mais antigo do Brasil, o Sport Clube Rio Grande (BUENO, 2005).

O primeiro jogo do Grêmio foi diante do FussBall Club Porto Alegre, em 6 de março de 1904. Atualmente, de acordo com o site oficial do clube, o Grêmio Football Porto-Alegrense já conquistou 73 títulos estaduais e municipais, nove nacionais, 30 internacionais, nove Taças e Torneios Interestaduais e 75 Taças e Torneios Regionais e Municipais.

Na época do surgimento da Coligay, em 1977, o futebol nacional possuía características marcantes devido ao período político vivido pelo país na década de 70 e mostrava como isso impactou no esporte. “O futebol é o maior fenômeno social do Brasil” (GUTERMAN, 2009, p. 9). Este esporte representa a sociedade, identifica um povo e, para o autor, explica o Brasil.

Para Guterman (2009, p. 10) “ter o ‘melhor futebol do mundo’ virou a obsessão brasileira, perseguida como um projeto de afirmação nacional”. Ainda segundo o autor, a realização da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, transmitiu este plano, ficando mais evidente na Copa de 1970, em plena Ditadura Militar, na qual cada triunfo brasileiro traduzia as possibilidades da equipe de conquistar o campeonato mundial.

A seleção brasileira de 1970 era vista como instrumento de poder por parte do governo militar, criando um dilema com relação ao momento vivido pelos brasileiros durante a Ditadura, pois o brilho do time brasileiro enfraquecia o debate político necessário para solucionar os conflitos da época.

O cartunista Henfil transmitia sua inquietação no semanário O Pasquim: “[...] Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará à realidade e verá



que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... [...]” (HENFIL apud GUTERMAN, 2009, p. 162-163).

Em junho de 1970, a seleção brasileira conquistou o tricampeonato mundial, em um momento em que o país atravessava um processo de integração nacional via futebol (GUTERMAN, 2009, p. 180). Com isso, o governo militar percebeu o potencial no esporte e iniciou alguns movimentos com relação ao futebol e foi com esse panorama político e esportivo que foi criada a primeira torcida gay organizada do Brasil, a Coligay, do Grêmio Football Porto-Alegrense.

Tendo como base todo o cenário apresentado, o presente artigo tem como objetivo geral fazer uma análise crítica do discurso da matéria “Para o que der e vier”, da Revista Placar de 27 de maio de 1977, sobre a primeira torcida gay organizada do Brasil, a Coligay, do Grêmio Football Porto Alegre. Para atingir esse objetivo, elenca-se como objetivos específicos o de descrever a matéria sobre a Coligay produzida pela Placar; para ao fim do trabalho, responder à pergunta-problema dessa pesquisa que é: como se efetiva o discurso da matéria sobre a Coligay na revista Placar.

Para isso foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica, básica, qualitativa e descritiva, sendo a pesquisa que se desenvolve tentando explicar um determinado problema a partir de teorias publicadas por autores. Koche (2015) afirma que na pesquisa bibliográfica, o explorador levanta conhecimentos, identifica, e analisa a fim de contribuir para a compreensão do problema objeto da pesquisa. Segundo Casarin e Casarin (2012), a pesquisa é qualitativa, pois é predominante descritiva, ou seja, tende a analisar os dados.

A Revista Placar foi escolhida como objeto de estudo devido ao seu viés esportivo, principalmente voltado para o futebol, por isso é relevante analisar como este veículo de comunicação transmite informações sobre a Coligay, principalmente em uma época marcada pela censura na imprensa e pela conquista do tricampeonato mundial da seleção brasileira, onde o futebol nacional estava em foco.

Por todas as questões que serão abordadas durante a elaboração deste artigo torna-se pertinente debater a respeito deste tema, pois os estádios de futebol são um cenário totalmente masculinizado, onde o homem heterossexual preenche de maneira expressiva, sendo assim, quando pessoas homossexuais ocupam este espaço a homofobia e violência ainda se propagam verbal ou fisicamente. Outro



ponto a ser destacado e justificado, é a proximidade da autora perante o tema central do artigo, sendo o medo de agressões homofóbicas, pois sofre com o preconceito todos os dias.

2 HOMOFOBIA

Segundo o artigo Homofobia, Cultura e Violências: a Desinformação Social, escrito pela professora Sonia Maria Ferreira Koehler do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, a palavra “homofobia” pode ser definida como aversão, rejeição, ódio irracional ou medo de homossexuais e, por consequência, a todos os que manifestam orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heterossexuais tradicionais aceitos na sociedade. Ou seja, entende-se por homofobia a aversão a lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros) (LGBT)³.

Ao longo da história, denominações foram utilizadas para identificar a homossexualidade e por muito tempo foi considerada uma doença. Somente em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou “homossexualismo” da lista de doenças e apenas em 1992 foi excluída do Código Internacional de Doenças (CID), levando em consideração que o sufixo “ismo” caracteriza uma condição patológica, como explica o blog Questão de Gênero. Ainda de acordo com o blog Questões de Gênero, a homossexualidade continua sendo vista de forma preconceituosa, além de ser crime em 72 países, dentre eles, oito aplicam pena de morte a homossexuais, sendo eles: Afeganistão, Arábia Saudita, Iêmen, Irã, Iraque, Mauritânia, Paquistão e Sudão.

A Constituição Federal brasileira não contém leis que caracterizam a homofobia como um crime. De acordo com Bruno André Blume, autor do artigo “O que é homofobia?”, do portal Politize!, foi aprovado na Câmara, em 2006, o projeto

³ Lésbica: Mulher que se atrai por mulheres.

Gay: Termo utilizado para designar um homem que se atrai por outro homem.

Bissexuais: Pessoa que se atrai por pessoas do mesmo gênero que o seu ou de gênero diferente.

Trans: Termo “guarda-chuva” para travesti, transexuais e transgêneros.

Travesti: Não há uma definição única e exata para o conceito de travesti, antes delimitado por pessoas que performavam um gênero diferente do seu nascimento, mas que não faziam intervenções cirúrgicas que caracterizam oficialmente a transexualidade. O movimento reivindica o tratamento no feminino (as travestis).

Transexuais e transgêneros: Pessoa cuja identidade de gênero é diferente daquela que lhe foi designada ao nascer.



de lei Anti-Homofobia (PLL 122/06), que ficou em tramitação por oito anos no Senado, mas não obteve o apoio necessário para virar de fato uma lei. O projeto foi arquivado em 2015. Entretanto, ainda segundo o autor, a própria Constituição brasileira garante como crime a homofobia no inciso IV de seu 3º artigo onde consta que o objetivo fundamental da República é “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade, ou quaisquer outras formas de discriminação”. Com isto, a homofobia como forma de discriminação, torna-se crime perante a lei brasileira.

Mesmo com uma lei vigente que criminaliza a discriminação, os homossexuais continuam sendo vítimas de preconceitos verbais, físicos e psicológicos. De acordo com o relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), o ano de 2016 foi o mais violento desde 1970 contra pessoas LGBT's. Segundo os dados, foram registradas 343 mortes entre janeiro e dezembro do ano passado. A cada 25 horas uma pessoa LGBT foi assassinada, transformando o Brasil líder no ranking de mortes por homofobia. Ainda segundo o relatório, 173 vítimas eram homens gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%). A lista inclui também 12 heterossexuais como simpatizantes de transexuais, além de parentes ou conhecidos de LGBT que foram assassinados por algum envolvimento com a vítima.

Os dados da pesquisa reforçam que, mesmo com o passar dos anos, é notável que ainda exista preconceito com relação à orientação sexual das pessoas. No futebol, um ambiente predominantemente masculino e que engloba a sociedade, fica ainda mais evidente. Murad (2007), reflete acerca da violência presente no futebol, discorrendo sobre o limite entre o real e o simbólico, que auxiliaria a explicar a agressão, o conflito e a violência no futebol. “Sua manifestação ficaria a depender”, tão-somente, de algum estímulo externo: anomia, impunidade, descaso das autoridades, conexão com outros níveis de agressividade direta (drogas, xenofobia, racismo) ou indireta (pobreza, desemprego, exclusão) (MURAD, 2007, p. 18). Mesmo com tais informações a respeito da violência presente nos espaços esportivos, a essência do futebol não compactua com os dados porque as práticas brutais protagonizadas por torcedores não representam a arte do esporte.



O futebol não é violento em si, embora haja práticas de violência dentro e fora de campo. Fora de campo, os exemplos são mais sombrios e preocupantes devido às ações das torcidas organizadas, principalmente por conta do fenômeno complexo, multifacetado e pluridimensional do hooliganismo (MURAD, 2007, p. 21).

Na Copa do Mundo no Brasil, em 2014, ficou conhecido o que foi chamado de “O Legado da Copa”, quando os torcedores mexicanos popularizam o grito de “puto!”. Importado e adaptado para o Brasil, a cada cobrança de tiro de meta do goleiro, a torcida adversária entoava um sonoro canto de “Ôôôô, bichaaa!”. De acordo com o artigo “Bicha! A homofobia no futebol como legado da Copa”, do portal esportivo Puntero Izquierdo, a prática expõe o preconceito que afeta jogadores e torcedores. França (2016, s/p) ressalta ainda mais a problemática: “Eles se calam, se frustram e se lembram a cada finalização errada que o futebol não é um espaço feito para homossexuais.”.

No artigo “Por que ‘bicha’ é xingamento?”, do portal de esportes Trivela, o autor Leandro Beguoci, sintetiza.

Ao usar gay como xingamento em um estádio, nós estamos fazendo aquilo que não gostamos que seja feito conosco. Estamos dizendo, mesmo sem perceber, sem nos darmos conta, que as pessoas gays são inferiores. Não gostamos de ser patrulhados, intimidados ou ofendidos. Mas estamos patrulhando, intimidando e ofendendo pessoas iguais a nós ao transformar homossexualidade em xingamento. Isso não faz parte da graça do futebol (BEGUOCI, 2014, s/p).

Portanto, pode-se afirmar que o futebol tem sido combustível para disseminar ainda mais a homofobia. Ainda de acordo com Beguoci (2014), com este canto homofóbico, os torcedores estão transformando a característica de uma pessoa em ofensa e complementa com uma pergunta: “Mas, sinceramente: qual é o problema em ser gay?”. Para o autor, a única forma para reverter essa situação é “parar de dizer que gays são piores do que heterossexuais”. Ressalta que é necessário que a forma de agir das pessoas mude, “especialmente nos lugares em que essas atitudes podem fazer alguma diferença” (BEGUOCI, 2014).

Mesmo com todo o preconceito envolvendo o futebol, ainda temos exemplos de atletas assumidamente gays. De acordo com o artigo “Por que o futebol brasileiro ainda está trancado no armário?”, o meia⁴ alemão Thomas Hitzlsperger e o

⁴ Jogador do ataque, cuja função é criar jogadas e também auxiliar no sistema defensivo, visto trabalhar muito no meio do campo.



falecido atacante inglês Justi Fashanu, se declararam homossexuais às vésperas da aposentadoria.

Ainda segundo o texto da Revista Vice, que tem como autores Letícia Naísa e Peu Araújo, no Brasil o caso mais notório de homofobia no futebol é com relação ao jogador Richarlyson Barbosa Felisbino, que atualmente está contratado pelo Esporte Clube Guarani, do Rio Grande do Sul.

Não foram poucos os rivais que o apelidaram de "Bicharlyson" para agredir torcedores do time em que ele jogava. Mas o pior inimigo do jogador foi a imprensa. Diversos veículos sempre trataram com deboche sua suposta homossexualidade e foi um dos grandes agentes do discurso de ódio. Muitas das matérias sobre a carreira de Richarlyson são ilustradas com imagens que sugerem sua sexualidade de forma sensacionalista e desrespeitosa (ARAÚJO; NAÍSA, 2016, s/p).

O texto ainda enfoca mais um dos episódios na carreira do jogador. Em 2012, Richarlyson havia sido cogitado para jogar na Sociedade Esportiva Palmeiras, de São Paulo, a contratação era praticamente confirmada, no entanto, uma faixa foi colocada em frente ao estádio do clube paulista com os seguintes dizeres: "A homofobia veste verde", surpreendeu negativamente, colocando a transação por água abaixo. Os autores ainda afirmam: "Para azar de todos, a homofobia veste todas as cores."

3 COLIGAY

Em plena Ditadura Militar, em meados de 1977, o dia 10 de abril marcou o primeiro dia da Coligay, uma torcida exclusivamente formada por homossexuais.

Já nas arquibancadas, os moços da Coligay foram se enfileirando e organizando a charanga, com 15 instrumentos de percussão, além dos de sopro. Agiam como estavam acostumados a agir: aparentavam ignorar os olhares que os fuzilavam, o escárnio que já enfrentavam no cotidiano de uma sociedade preconceituosa, nas ruas de uma cidade e de um país homofóbico (GERCHMANN, 2014, p. 19).

Formada, em sua maioria, por jovens gays, a Coligay teve um início complicado. Para Gerchmann (2014), houve xingamentos, olhares maldosos, piadas e até apedrejamento. Entretanto, os acontecimentos foram diminuindo, os mais homofóbicos se afastaram do local onde a torcida permanecia em dia de jogos.



A origem da Coligay foi em Porto Alegre, na Avenida João Pessoa, na boate Coliseu, casa noturna gerenciada por Volmar Santos. Em princípio, a boate era uma casa noturna exclusivamente para casais heterossexuais, até que Volmar decidiu transformar o estabelecimento para gays (GERCHMANN, 2014, p. 33). De acordo com Volmar, em entrevista a Gerchmann (2014), muitos jogadores da dupla Gre-Nal (Grêmio e Internacional) frequentavam a boate Coliseu, sem citar os nomes.

Entre o trabalho à frente da boate, Volmar buscava tempo para assistir aos jogos do seu time, o Grêmio Football Porto-Alegrense, e em uma das partidas, Volmar teve a ideia: formar uma torcida mais animada e diferente das outras (GERCHMANN, 2014, p. 36). Na época, existiam a torcida oficial do Grêmio, a Eurico Lara e a Força Azul. Volmar reuniu frequentadores da boate e propôs a ideia, que foi aceita.

Volmar em entrevista para o autor Léo Gerchmann sobre o nome escolhido para a torcida:

Pensei em ColiGrêmio, mas não gostei. Foi então que surgiu a proposta de colocar parte do nome da boate com o público que a frequentava, que era gay. Então resolvemos que a nova torcida seria Coli, de Coliseu, e gay, do público que a frequentava. Ficou, então, Coligay, o que foi aceito por todos (GERCHMANN, 2014, p. 36).

Durante o tempo em que a Coligay existiu, o Grêmio rompeu hegemonias. Segundo Gerchmann (2014), no ano de fundação da Coligay, em 1977, o time gaúcho conquistou o título do Campeonato Estadual e “deu o primeiro passo para a conquista do título nacional, quatro anos depois, e do mundo, seis anos mais tarde” (GERCHMANN, 2014, p. 14).

O jornalista David Coimbra, também em entrevista à Gerchmann, tinha 15 anos, em 1977, e destaca que aquele ano foi muito importante na história do clube. “O time comandado pelo técnico Telê Santana na época, foi o melhor Grêmio que vi jogar, um ano que traçou o seu futuro” (GERCHMANN, 2014, p. 47).

Mesmo com a nova força vinda das arquibancadas, a década de 70 foi um período conservador, as torcidas Eurico Lara e Força Azul foram reticentes à Coligay, a primeira mais enfática, a segunda aceitou a nova torcida com um pouco mais de tranquilidade (GERCHMANN, 2014, p. 72). O dirigente da torcida Eurico Lara, José Buaes, em entrevista à Revista Placar, retratada no livro de Léo Gerchmann, demonstra a opinião da torcida oficial na época: “Lamentável!



Lamentável! Uma vergonha. Quem poderia imaginar que isso pudesse acontecer com o nosso Grêmio.” (GERCHMANN, 2014, p. 72).

O idealizador da Coligay, Volmar Santos, recorda os momentos difíceis da Coligay à Léo Gerchmann:

Eu sabia que iríamos encontrar dificuldades, pois na época era o fim do mundo os gays irem a um estádio de futebol torcer, porque havia muita discriminação [...]. Inclusive, sugeri que fizessem aulas de caratê para eventualidades, se precisássemos, para enfrentar os machões (os integrantes da torcida chegaram a frequentar uma academia e aprenderam golpes que lhes foram muito úteis em algumas circunstâncias, usados estritamente como forma de defesa pessoal) (GERCHMANN, 2014, p. 74).

No início, a Coligay tinha aproximadamente 60 integrantes e, posteriormente, em 1980, alcançou 200 torcedores. Segundo Gerchmann (2014, p. 83), a torcida possuía registro para identificação dos integrantes, mas ainda assim, é difícil dimensionar o número exato de frequentadores da Coligay durante seus anos.

A Coligay durou seis anos e, não há uma data final oficial, mas coincidiu com o retorno de Volmar Santos, para Passo Fundo, em 1983.

4 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Para abordar a teoria da Análise Crítica do Discurso, é pertinente atentarmos para o significado do termo “discurso”. Segundo Fairclough (2001), o discurso é o uso da linguagem como forma de prática social e não como uma atividade individual ou situacional. Com base nisso, para Resende e Ramalho (2006) o discurso é moldado e constituído pela estrutura social, ou seja, tudo aquilo que forma a sociedade, mas também exerce ação contrária, constituindo a sociedade.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Para analisar o discurso da Revista Placar, na edição de nº 370 em uma matéria sobre a torcida Coligay, foi utilizada a teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD) que, para Ramalho e Resende (2011, p. 12), refere-se a um conjunto de



abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social. Desta forma, ainda segundo as autoras, entender o uso da linguagem como prática social implica em compreendê-lo como um modo de ação e interação entre as pessoas, onde seus valores, crenças e histórias de vida influenciam seus atos. Desta maneira, a prática social faz com que o discurso e a sociedade se formem, se mantenham ou se transformem.

Segundo Ramalho e Resende (2011), a ACD é comprometida em proporcionar suporte para questões de problemas sociais relacionados a poder e justiça. Por tratar de questionamentos sociais, a teoria é pertinente nesta pesquisa.

Por isso, a Análise de Discurso é ‘crítica’, segundo Ramalho e Resende (2011), porque sua abordagem é dialética, voltada para a compreensão de como os modos discursivos atuam na esfera social, especialmente em lutas hegemônicas, ou seja, a preponderância de alguma coisa com relação à outra. Com isso, “o conceito de hegemonia provoca o desenvolvimento de domínios da sociedade civil, como educação e trabalho, além de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas. Esses conjuntos discursivos estão ligados a certas ideologias, crenças e conhecimentos específicos” (FAIRCLOUGH apud RAMALHO; RESENDE, 2006, p. 46).

A ACD surge de tais abordagens distintas, tendo como principais pontos em comum a multidisciplinaridade, a preocupação social, o posicionamento político favorável ao grupo social em desvantagem e a divulgação dos resultados de pesquisa como forma de alerta das práticas de abuso de poder (GUIMARÃES, 2012, p. 440).

A partir da ACD é possível observar fatores, que, muitas vezes, passam despercebidos pelo leitor, como enunciados não verbais em matérias. Os textos podem ter significados escondidos, com isso a Análise Crítica do Discurso é pertinente para revelar o que está oculto.

O uso da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação pertencem ao micronível da ordem social. O poder, a dominação e a desigualdade entre grupos sociais são tipicamente termos que pertencem a um macronível de análise. Isso significa que a ACD tem que estabelecer teoricamente uma ponte que preencha a bem conhecida “lacuna” existente entre os enfoques micro e macro – evidentemente, uma distinção que é, por si mesma, um construto sociológico (ALEXANDER et. al., 1987; KNORR-CETINA; CICOUREL, 1981 apud VAN DIJK, 2010, p. 116).



Ainda de acordo com van Dijk (2010), os discursos cotidianos sobre a minoria são propagados pela mídia em notícias jornalísticas. “As diferenças culturais tendem a ser superenfatizadas e as semelhanças culturais, ignoradas” (VAN DIJK, 2010, p. 146).

Especialmente no que diz respeito a temas delicados, tais como a discriminação, o preconceito e o racismo, os representantes ou especialistas das minorias raramente são ouvidos de modo crível e autorizado. Se afinal forem ouvidos, tais citações serão apresentadas frequentemente como acusações sem fundamento ou até ridículas (VAN DIJK, 2010, p. 174).

Além de analisar o que foi dito, o que está oculto, é importante observar o que mais poderia ser dito e porque não foi, entre outras questões pertinentes da análise do discurso. Deste modo, segundo van Dijk (2010), é preciso analisar as formas como o acesso ao discurso está sendo monitorado por aqueles que estão no poder da mídia de massa.

Em diversos materiais é possível fazer uma análise discursivamente, assim como nos conteúdos desenvolvidos pela mídia.

Tradicionalmente, os enfoques analíticos do conteúdo em estudos críticos da mídia muitas vezes revelam imagens preconceituosas, estereotipadas, sexistas ou racistas em textos, ilustrações e fotos. De igual maneira, os primeiros estudos da linguagem da mídia se concentravam nas estruturas de superfície facilmente observáveis [...] (VAN DIJK, 2010, p. 124).

A Análise Crítica do Discurso não é estável, sua abordagem em âmbitos de investigação de discurso é heterogênea e aberta. Segundo van Dijk (2010), a ACD é heterogênea porque há uma enorme variedade de estudiosos com diferentes perspectivas a respeito da teoria, como os já citados. Ainda de acordo com Van Dijk, a análise do discurso é instável, pois há possibilidades de combinações entre várias abordagens e também devido à interdisciplinaridade.

5 APRESENTAÇÃO DO OBJETO: REVISTA PLACAR

A revista Placar, objeto de estudo desta análise, foi lançada oficialmente no dia 20 de março de 1970, meses antes da Copa do Mundo realizada no México. O periódico semanal especializado em esportes estampou em sua primeira capa o jogador Pelé, considerado o ídolo da Seleção Brasileira da época. De acordo com o



Portal Imprensa, que enfoca o jornalismo e comunicação na internet, “a número 1 vendeu mais de 200 mil exemplares, mas a venda crescia de acordo com o desempenho da Seleção”. Entretanto, com o fim da Copa as vendas caíram drasticamente e a revista precisou traçar estratégias para voltar às vendas.

A Placar, que teve aumento nas vendas devido à Loteca⁵, realizou uma grande reportagem, em 1982, contra a loteria, devido às suspeitas de fraudes no sorteio. Após a matéria de manipulação de resultados, nenhum investigado foi preso e a Loteca perdeu credibilidade. Entretanto, com o escândalo de corrupção, os leitores da Placar, que compravam a revista por causa dos palpites da Loteria, diminuíram e outra queda brusca nas vendas é percebida (CEOLIN, 2011).

Segundo Salvini e Júnior (2013), a revista enfrentou mudanças ao longo de seus anos, sendo a principal modificação no foco da revista, que no início se portava como uma revista esportiva e assumiu a postura de uma revista exclusivamente sobre o futebol.

Após passar alguns anos sob domínio da Editora Caras, atualmente a Revista Placar retornou à gestão da Editora Abril, desta vez, com conteúdo em diversos formatos midiáticos para os assinantes, além das tradicionais notícias os leitores têm acesso a livros, edições *online* da revista e reportagens especiais que aprofundam o tema futebol.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A partir deste capítulo será analisada, efetivamente, a matéria de três páginas “Para o que der e vier”, de 1977, edição nº 370, da revista Placar, sobre a primeira torcida gay organizada do Brasil, a Coligay, do Grêmio Football Porto-Alegrense. O objetivo desta análise é identificar e analisar o discurso presente na publicação, o que está evidente e o que está oculto, com base na Análise Crítica do Discurso.

Durante a década de 70, o futebol brasileiro vivenciou um momento esportivo marcante: a conquista do tricampeonato mundial. Na época, o país também presenciou um período importante do ponto de vista histórico-político do Brasil, o Regime Militar, que ainda estava em pleno funcionamento. Com os militares

no poder, a ausência da democracia e do senso de justiça, aliado à censura e suspensão de direitos constitucionais, as pessoas que ficaram à margem dessa política governamental sofreram repressão social por serem alheias ou consideradas diferentes do restante da sociedade. Neste cenário político, a Coligay se instalou nas arquibancadas do estádio do Grêmio.

Na revista Placar de 27 de maio de 1977, há pouco mais de um mês da criação da torcida, a Coligay foi pauta de uma reportagem.



Figura 1: Matéria da revista Placar sobre a Coligay
Fonte: Revista Placar

No título da matéria, podemos observar as letras em cor azul, tendo em vista que azul é uma das cores do Grêmio, clube pelo qual os torcedores manifestavam sua paixão. No entanto, nas duas primeiras páginas da matéria, a cor rosa se destaca ao fundo da reportagem, sendo que em nenhum outro momento essa cor tenha sido utilizada na revista. É possível pensar que a utilização dessa cor esteja relacionada a uma representação de mundo da época, em que ser gay significava usar rosa ou gostar de rosa e, para, além disso, rosa é uma cor destinada às meninas, tendo em vista que isso é representado culturalmente em nossa sociedade. Com isso, Van Dijk (2010) diz que, muitas vezes, os enfoques da mídia revelam imagens preconceituosas, estereotipadas, sexista ou racistas em fotos, ilustrações e textos. E, para Fairclough (2001), o discurso não é apenas a representação do mundo, mas também de significação do mesmo, haja vista que ele constitui e molda toda e qualquer dimensão da sociedade.



O título da matéria diz: “Para o que der e vier”, apesar de ser uma referência ao hino do time do Grêmio, este enunciado tem sentido ambíguo, pois pode ser considerado uma citação mal intencionada aos homens gays, que muitas vezes, são vistos pela sociedade, como pessoas promíscuas que podem estar prontos para qualquer aventura sexual.

Na linha de apoio da matéria, um fragmento diz: “Para muitos gremistas, isso é um pesadelo – tanto quanto é a delícia dos colorados”. Salienta que o fato de ter uma torcida gay envergonharia o clube, principalmente perante seu maior rival, nesse caso, o time do Internacional. Em outro trecho a frase de um torcedor do Grêmio conota a rivalidade entre os clubes até na arquibancada, abrindo espaço para o preconceito e impedindo a efetiva desportividade: “Vocês não fiquem gozando muito, porque já ouvi dizer por aí que as coloradas não vão querer ficar para trás. Vem aí a Interflowers. Vai ser uma afinação total nas arquibancadas – comentam os gremistas”. Neste comentário, observemos que, caso o Internacional também contasse com uma torcida gay organizada, os torcedores do Grêmio poderiam zombar dos rivais da mesma maneira, mostrando que ter uma torcida gay organizada, torcendo e incentivando o seu time não é suficiente, você precisa estar dentro dos padrões heteronormativos aceitos pela sociedade. Beguoci (2014), diz que ao usar gay como xingamento em um estádio de futebol, estamos intimidando e ofendendo pessoas iguais a nós e com isso, sem perceber, estamos fazendo aquilo que não gostamos que seja feito conosco. O autor ainda completa que, transformar a homossexualidade em xingamento deixamos de lado a graça do futebol.

Na terceira página da matéria, há um anúncio sobre ferramentas, que não seria o foco da análise central deste artigo, mas a publicidade está presente, justamente, em uma página da matéria que aborda a torcida Coligay, então é importante analisa-lo criticamente. O anúncio de ferramentas diz: “Quem usa a ferramenta correta no lugar certo não se aperta. Duração é ferramenta de homem”, como representa a publicidade. Desta forma, o anúncio concebe a ideia de que somente homens ‘de verdade’ utilizam a ferramenta, nem gays nem mulheres, apenas homens. Podemos ainda elucidar o fato de que a publicidade faz uma analogia ao órgão sexual masculino, afirmando que os gays não utilizam a “ferramenta” de forma correta, ou seja, homens que não usam suas ferramentas com mulheres.

Tarciso olha a Coligay e diz: “É, o mundo está mesmo virado”.

integrantes da Coligay são pessoas bem nascidas.

— Gente de fino trato, entende?

Como gerente de boate, Volmar gaúcho de Passo Fundo — já ouviu insinuações de que estaria apenas fazendo publicidade, utilizando para isso inocentes úteis. Repete a hipótese com um meneio de cabeça. Lembra que é sócio do clube há dois anos e que vai ao estádio desde garotinho.

O que levou a pensar na organização da nova torcida, garante, foi a frieza que caracterizava os torcedores do Grêmio.

— Eles só incentivam quando o time vai bem. E é lógico, quando parti para recrutar gente, tinha de pensar em gente como eu. Acho que a nossa classe é mais animada, mais descontraída por natureza, não é verdade? Vejo só que beleza, a turma não para nunca.

Sob o comando do competente Neri Caveira, a cozinha ataca na batucada, alardeando os tímidos repiques da Força Azul, a 50 metros. Formar essa banda foi fácil, comenta Volmar. A notícia do surgimento da Coligay logo se espalhou (“Sabe como é a classe, né?”) e o pessoal de escola de samba e de colégios apareceu. Alguns colorados quiseram participar da coisa mas foram vetados. Para entrar tinha de ser gay e gremista.

— Já ouvi dizer que nossa ideia não é original, que o Fluminense tem a Flu-Gay e o Cruzeiro uns tais de



Um figurante à esquerda, o animado chefe Volmar à direita.

Rapôses Independentes. Não tem importância, não estamos aqui por validade, para aparecer — mas para torcer à nossa maneira. Agora, tem uma coisa. Travesseiro aqui não entra. Ai, seria avacalhado.

Afinal, garante o chefe, exco-colorados, todo garê é benvido, é amigo. Ele já pode notar nezes quase dois meses de atividade que a Coligay tem servido inclusive para revelar o que chama de *enrascadas* — gente que não resiste à batucada e ao ambiente de confraternização e resolve “se assumir”.

— São todos maravilhosamente recebidos. Mas, por honestidade, devo reconhecer que a maioria que

depois de fundar a torcida, começou a se dar conta de que estava envolvido numa coisa muito importante:

— Pela primeira vez, num Estado machista como o nosso, os homossexuais se manifestam em público. Não é pouca coisa, não? Às vezes, chego e fico assustado. Mas, pelo que já se viu, Porto Alegre está madura para nos aceitar.

Diz isso e sai a pular, com sua camisa tricolor, seu chapéu enfiado e sua bandeira de fina soia. É hora de incentivar os jogadores. Estes, por seu lado, falam com reserva em relação à Coligay, a maioria reagindo como fura:

— O quê? Eu opinar, que é isso? Olha bem pra minha cara.

Walter Corbo, que recebeu faixa de incentivo em sua estreia, mostra espanto:

— Que raro, no?!

Tarciso se conforma:

— O mundo lá mesmo virado. A gente não pode se surpreender com mais nada.

Jorge, o chefe da Força Azul, não se perturba.

— É tudo Grêmio — afirma. E, bem-humorado, diz que só vê um inconveniente:

— Qualquer dia desses os juizes vão se achar com razão para se posar na frente da arquibancada e gritar aquela palavra que eles sempre ouviram.

Divino Fonseca

QUEM USA A FERRAMENTA CORRETA NO LUGAR CERTO NÃO SE APERTA. DURAÇO É FERRAMENTA DE HOMEM.

Os alicates e torques Duraço podem ser encontrados nas principais ferragens e supermercados. Para cada tipo de uso o tipo certo de ferramenta. Duraço é prá toda vida.

Procure a linha de ferramentas Duraço nas boas casas do ramo.

DURAÇO

Ferramenta de homem

FORJAS TAURUS S.A.

Av. do Forno, 511 - Porto Alegre - RS

Figura 2: Matéria da revista Placar e anúncio da ferramenta Duraço

Fonte: Revista Placar

Outra referência presente na publicidade é o próprio nome da marca, Duraço, fazendo alusão a algo que, possivelmente, os homens gays gostassem, no entanto não é possível afirmar que ambos tenham ligação, pois o nome da marca foi criado antes da elaboração da matéria, mas como está presente deve ser analisado. Todos esses símbolos e menções criam uma falsa representação do mundo gay na cabeça das pessoas. Ainda é possível refletir sobre o motivo pelo qual a publicidade foi inserida exatamente nessa matéria sobre a Coligay. O aparecimento do anúncio nessa página faz parte da prática social da época, quando diz que apenas homens usam ferramentas de trabalho e isso influencia a visão de mundo de que os homens gays são “errados” também nesse sentido, pois utilizam a sua ferramenta de forma errada. Por meio da Análise Crítica do Discurso, podemos ir além dos enunciados e perceber qual o pano de fundo que os envolvem e que passam despercebidos à maioria dos leitores, como no anúncio da ferramenta. Em uma revista de 68 páginas, esta publicidade foi inserida justamente em uma matéria que pauta uma torcida homossexual, sendo possível notar que há significados ocultos neste material.



A relação desse anúncio com a Coligay não é explícita, afinal, o nome da marca Duraço já existia antes mesmo do surgimento da torcida, mas o discurso funciona de forma oculta. Por isso, segundo Guimarães (2012), a ACD surge para contribuir com tais abordagens, principalmente com a preocupação social, a preponderância de um grupo sobre outro, entre outros enfoques, e a divulgação dos resultados funcionam como forma de alerta das práticas de abuso.

Ao longo da matéria, é possível observar palavras e frases pejorativas que representam a visão do jornalista e da sociedade na qual ele estava inserido, sobre o assunto abordado. O jornalista não se despiu de seus pensamentos e foi parcial na produção do material, enfatizando opiniões de torcedores contra a formação da Coligay: “Era só o que faltava. Logo neste ano, quando estava dando tudo certinho, com o nosso time bem mais ajeitado que o deles, aparece essa gente para desmoralizar tudo”. Nesta fala, o torcedor do Grêmio se refere ao time do Internacional, maior rival do clube, mostrando insatisfação com a nova torcida, sendo que no ano de criação da Coligay, o tricolor gaúcho consagrou-se Campeão Estadual rompendo a hegemonia dos colorados, demonstrando que o descontentamento dos torcedores do Grêmio não era condizente em relação ao progresso esportivo. O jornalista David Coimbra, em entrevista para o autor Léo Gerchmann (2014), reforça que o time do Grêmio, em 1977, foi o melhor que ele viu jogar. Comandado pelo técnico Telê Santana, o ano foi importante para traçar o futuro do clube.

Em outro trecho, o jornalista da matéria da revista Placar, Divino Fonseca, retrata: “Fundada pelos frequentadores da Boate Coliseu, um dos três templos da comunidade gay em Porto Alegre, a cada jogo engrossa – ou melhor, expande – suas fileiras, chegando a apresentar cerca de 60 figurantes nos Gre-Nais”. Sendo o jornalista, aquele quem leva a informação às pessoas, ou ainda, aquele quem forma opiniões, em um texto como este, o comunicador faz com que seus leitores, ouvintes ou telespectadores reproduzam seu discurso. Ainda é possível notar muitos termos que podem ser classificados como depreciativos e que são associados aos homens gays, como por exemplo, no trecho: “a bailar – rebolando e levantando graciosamente o pezinho” e também “...soltavam agudos gritinhos de emoção”. Essas expressões fazem com que os leitores da Placar, em sua maioria homens, pensem que os gays são “mulherzinhas”, ou menos homens pelo simples fato de que têm atração sexual por outros homens. Desta maneira, Ramalho e Resende



(2011), explanam sobre a importância de compreender o uso da linguagem como prática social e como os valores e crenças influenciam nas atitudes das pessoas, fazendo com que a sociedade se transforme.

Em dado momento da matéria da Placar, os torcedores da Coligay são definidos como um “exótico grupo”, demonstrando, principalmente, o tom de chacota vindo dos torcedores do Internacional, tal como: “a Coligay é apenas a comissão de frente”. Mas, dentro do próprio time do Grêmio, outros torcedores desaprovam a torcida gay, conforme um dos integrantes: “Olha, eu por mim, comandava uma pauleira contra eles (Coligay). Mas não considero aqueles caras torcedores. Eles querem é rebolar, é aparecer”. Por abordar questões sociais, a ACD, segundo Ramalho e Resende (2011) proporciona suporte para problemas relacionados a poder e justiça. Com a presença da homofobia nos estádios de futebol, que pode gerar atitudes violentas sejam físicas ou verbais, abordar esta matéria da Placar é uma forma de colocar luz sobre questões que os gays enfrentaram na época, mas que ainda passam. Apesar de ter passado 40 anos, desde a criação da Coligay e elaboração da matéria, essas questões continuam pertinentes, causando problemas ainda mais graves, como a morte de homossexuais.

De acordo com o relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), o ano de 2016 foi o mais violento desde 1970 contra pessoas LGBT's. Segundo os dados, foram registradas 343 mortes entre janeiro e dezembro do ano passado. A cada 25 horas uma pessoa LGBT foi assassinada, transformando o Brasil líder no ranking de mortes por homofobia. Ainda segundo o relatório, 173 vítimas eram homens gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%) (GRUPO GAY DA BAHIA, 2016, s/p).

Esses dados de homofobia são atuais mas, na época da matéria, quando pouco se sabia sobre o tema, já era possível perceber os sinais de homofobia não apenas pelo texto e pelas falas dos entrevistados, mas também porque os membros da Coligay foram esquecidos em uma reportagem que fala exatamente sobre eles. A única fonte ouvida para a realização da matéria foi Volmar Santos, fundador da torcida, embora os jornalistas tenham conhecimento de que para desenvolver um bom e ético material é de suma importância dar voz a ambas às partes. Aqui, no texto analisado, mesmo sendo uma apresentação da Coligay, a forma com a qual a torcida foi abordada não foi efetiva, extraindo apenas trechos entrecortados do depoimento de Santos. Van Dijk (2010) diz que especialmente em temas delicados,



como a discriminação, o preconceito e o racismo, os representantes das minorias raramente são ouvidos de modo admissível e permitido. Ainda segundo o autor, se tais fontes tiverem voz, suas declarações serão expostas como revelações sem fundamento ou até ridículas. Desta forma, o texto perde credibilidade. Acredita-se que, se a matéria fosse sobre uma torcida tradicionalmente composta por integrantes heterossexuais, os membros, talvez, fossem ouvidos e representados de maneira efetiva.

A Revista Placar era um periódico representativo da editoria de esporte da época. A primeira edição vendeu mais de 200 mil exemplares, por isso o discurso empregado na matéria sobre a Coligay poderia ter sido elaborado de maneira diferente, haja vista que da forma como esse texto foi produzido, a revista influenciou a criação de um cenário de dominação sobre os gays, colocando-os em uma posição de submissão à sociedade que os via como “errados”. “Os discursos cotidianos sobre a minoria são propagados pela mídia em notícias jornalísticas” (VAN DIJK, 2010, p. 146). Sendo assim, segundo o autor, as diferenças culturais são enfatizadas e as semelhanças culturais e sociais tendem a ser ignoradas, por isso a linguagem como prática social adotada é importante para escrever uma matéria como esta da revista Placar.

Neste caso, o discurso trazido pela matéria cria e mantém uma representação de mundo em que a Coligay, e os homossexuais de maneira geral, atrapalham ou são pessoas desprezadas pela sociedade, seja por não “serem homens de verdade” ou por apenas serem uma torcida alegre. Assim, tais ações – tanto do produtor do texto quanto do público ouvido e do leitor da revista – serão reproduzidas pelas pessoas, legitimando uma prática social que pode levar a atitudes homofóbicas e esse texto mostra que a mídia ajuda nessa tarefa. Outro ponto sobre o qual é possível refletir é sobre a cor de rosa utilizada como fundo da matéria, algo que não era necessário, assim como a inserção de um anúncio de ferramentas Duraço, na continuação desse texto. Esses elementos são desnecessários e sua utilização, novamente, legitimam práticas preconceituosas com relação aos homens gays. A cor de fundo poderia ser o azul, trazendo as cores do Grêmio, caracterizaria o amor de seus torcedores pelo clube. O mesmo para o anúncio atrelado ao texto que poderia fazer referência a uniformes de times de futebol, de chuteiras ou a qualquer objeto relacionado exclusivamente ao esporte.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando, por meio da teoria da Análise Crítica do Discurso, a matéria da revista Placar sobre a torcida Coligay, é possível perceber que a homofobia no futebol se torna visual, quer seja nas cores representadas nas páginas do objeto de estudo, que suscitam a ideia da cor rosa para o gênero feminino, quer seja no anúncio de ferramentas Duraço, fornecendo indícios de que os homens gays não são homens de verdade. Para, além disso, os trechos da reportagem, destacados na análise, demonstram um discurso pesado e, por vezes, preconceituoso, do jornalista que ao utilizar de seu espaço em grande veículo de comunicação, pode influenciar a manutenção de um discurso capaz de gerar mais pensamentos e ações homofóbicas.

Com isso, o objetivo geral de realizar uma análise crítica do discurso da matéria produzida pela Revista Placar foi cumprido. Partindo dessa análise, percebe-se o uso da linguagem como prática social, e, por conta disso, é preciso compreendê-lo como um modo de ação e interação entre as pessoas, onde seus valores, crenças e histórias de vida influenciam seus atos. A veiculação dessa matéria em uma revista de circulação nacional serve como instrumento de uma prática que vem, até hoje, se mantendo, bem como, perpetuando a crença de que pessoas gays são inferiores e/ou piores e, por isso, não recebem o direito assegurado legalmente de que todos são iguais. Como prova disso, são os dados de mortes por homofobia, conforme citado anteriormente.

Dessa forma, a pergunta-problema deste artigo: como se efetiva o discurso da matéria sobre a Coligay na revista Placar foi respondida, de forma que é possível concluir que a matéria permite gerar sentido de manipulação sobre o que é ser homossexual para a sociedade em geral. Isso porque, tendo em vista que o jornalista é o multiplicador da informação, é possível ressaltar a parcialidade do texto publicado, transparecendo valores e crenças a respeito dos homens gays a cada linha ou imagem selecionada para o trabalho.

A pesquisadora não encontrou dificuldades no decorrer da elaboração desse artigo, mas foi surpreendida pela quantidade de elementos que conotam a homofobia em um material de ampla circulação entre os leitores esportivos. Foi possível observar que o discurso feito pela revista pode influenciar a sociedade de



maneira negativa, haja vista a possibilidade de as pessoas disseminarem e reforçarem esse viés trazido pelo periódico.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rubens Florêncio dos. **Futebol**: regras, esquemas táticos: posições e funções, do goleiro ao ponta esquerda. São Paulo. Rumo, 1990.

ARAÚJO, Peu; NAÍSA, Letícia. Por que o futebol brasileiro ainda está trancado no armário?. **Vice**. 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/homofobia-no-futebol>. Acesso em: 19 maio 2017.

BEGUOCI, Leandro. Por que “bicha” é xingamento?. **Trivela**. 2014. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/por-que-bicha-e-xingamento/>>. Acesso em: 19 maio 2017.

BLUME, Bruno André. O que é homofobia? **Politize!** Disponível em: <<http://www.politize.com.br/homofobia-o-que-e/>>. Acesso em: 19 maio 2017.

BUENO, Eduardo. **Grêmio**: nada pode ser maior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Disponível em: <<https://docslide.com.br/documents/gremio-nada-pode-ser-maior-eduardo-bueno.html>>. Acesso em: 11 set. 2017.

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica**: da teoria à prática. [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012. Disponível em: <<http://satc.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788582123942/pages/-2>>. Acesso em: 13 out. 2017.

CEOLIN, Lucian. **A cobertura da Revista Placar sobre o trabalho do técnico Dunga na construção da derrota do Brasil na Copa do Mundo de Futebol de 2010**. Centro Universitário Franciscano. Santa Maria, Rio Grande do Sul. 2011. Disponível em: <<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/tfg-final-lucian-ceolin1.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2017.

DITADURA MILITAR NO BRASIL. **SUA PESQUISA**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).



FRANÇA, Breno. Bicha! A homofobia como legado da Copa. **Puntero Izquierdo**. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/puntero-izquierdo/bicha-a-homofobia-no-futebol-como-legado-da-copa-9cbe4bc18df2>>. Acesso em: 19 maio 2017.

GERCHMANN, Léo. **Coligay**: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre. Libretos, 2014. 192p.:il.color.

GUIMARÃES, Cleber Pacheco. Análise Crítica do Discurso: Reflexões sobre Contexto em Van Dijk e Fairclough: Eutomia. **Revista de Literatura e Linguística**, 2012. v.1. n. 9, p.438-457. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/viewFile/959/738>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

GRUPO GAY DA BAHIA. Relatório 2016: Assassinatos de homossexuais (LGBT) no Brasil. Banco de Dados. **Grupo Gay da Bahia**. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.
HENFIL. **eBiografia**. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/henfil/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos da metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Disponível em: <<http://satc.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788532618047>>. Acesso em: 13 out. 2017.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. **Homofobia, Cultura e Violências**: A Desinformação Social. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3361/2688>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2007.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de pesquisa. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol.1. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.



REVISTA PLACAR COMPLETA 38 ANOS DE HISTÓRIA. **Portal da Imprensa**. 2008. Disponível

em: <http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/16298/revista+i+placar++i+completa+38+anos+de+historia>. Acesso em: 11 set. 2017.

REVISTA PLACAR. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&output=html_text&id=Q6xapM250QoC&jtp=01>. Acesso em: 11 set. 2017.

ROSA, Cristiano. Blog Questão de gênero. **Jornal Novo Hamburgo**. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/blogs/cotidiano/questao_de_genero>. Acesso em: 19 maio 2017.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Marchi Wanderley. O futebol de Marta na Revista Placar: recortes de uma história. Paraná. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, 2. Semestre 2013, p. 298 – 313. ISSN 1981-478X. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/042913_10435-37455-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

SITE OFICIAL DO GRÊMIO FOOTBALL PORTO-ALEGRENSE. Disponível em: <<http://www.gremio.net/Default.aspx?language=0>>. Acesso em: 11 set. 2017.

SOARES, Nana. **Minimanual do Jornalismo Humanizado Parte V: LGBT***: 2017. Disponível em: <<http://thinkolga.com/minimanual-do-jornalismo-humanizado/pt-5-lgbt/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.